

Nuno Castelo *

A visão que o Douro me transmite

Não é necessário ter a observação atenta de um pintor para se chegar à seguinte conclusão: Douro, paleta multicolor, arco-íris de cor, multiplicidade geométrica de linhas, ângulos, profundidade, transparências, perspectiva, equilíbrio e força... Vinhas, oliveiras, amendoeiras, laranjeiras, figueiras, cerdeiras, vegetação espontânea, toda esta variedade de cobertura vegetal, em consonância com as diferentes estações do ano, contribui para um sem número de efeitos cromáticos distintos e variáveis: verde, castanho, laranja, amarelo, vermelho, branco, cinza, etc.; todas as cores estão representadas e perfeitamente conjugadas em diferentes painéis ao longo dos doze meses do ano de acordo com as estações...

A riqueza plástica do Douro reside na rica diversidade dos seus contrastes. Vales, gargantas profundas, precipícios incontáveis e dantescos, abismos, penedos, socacos, montanhas, escarpas, planaltos, barragens, povoações, etc., aliados à ímpar riqueza cromática, permitem encarar o Douro como fonte inesgotável de inspiração, uma gigantesca tela onde todas as correntes artísticas se podem enquadrar de acordo com os impulso e imaginação de cada criador...

Qualquer observador anónimo sente-se frágil, pequeno, esmagado pela imponentia de tantos miradouros e vistas panorâmicas. Não existe no Douro meio quilómetro de monotonia panorâmica, pois o património natural e a mão do homem conjugam-se numa diversidade polivalente, singular.

Do Alto para o Baixo Douro, um sem número de panorâmicas: começando em Barca de Alva e cenário envolvente, a foz do Sabor e o nostálgico vale da Vilarça; o Côa com a multiplicidade de cenários rústicos – verdadeiras pinturas; o deslumbramento do Tua, visto de S. Mamede de Riba Tua; os atractivos vales do Távora e do Tedo, Varosa, Paiva, Pinhão, Corgo, Teixeira, Tâmega, etc... Os miradouros naturais como o de S. Leonardo em Galafura, Régua; a penedia ermitério de S. Salvador do Mundo; S. Domingos, em Fontelo, Armamar; o de

* Pintor e professor de Educação Visual e Tecnológica, filho e descendente de transmontanos.

S. João, próximo de Resende; recantos como o Monte de S. Silvestre; próximo de Mesão Frio, de cuja capela se avistam para os quatro pontos cardeais telas indescritíveis; ou o da Fragada em Moncorvo, etc...

Ninguém fica indiferente a toda esta monumentalidade, a toda esta paisagem cultural, evolutiva e viva que, combinando obras da natureza e do homem, transforma o Douro cada vez mais num íman turístico...

A visão que me transmite o Douro é a de uma força incrível, inacreditável, dramática, expressiva... Todo o Douro é expressão em todas as suas componentes... Desde os gigantes penedos que se acotovelam junto ao rio como quem quer beber o precioso líquido para depois o transformar em néctar sublime, arrancando a custo do xisto e do pó por esse enxame de «obreiros», verdadeiros heróis; as montanhas que se precipitam a pique em desfiladeiros e vales fundos com gargantas não menos profundas; o silêncio petrificado, por exemplo em S. Salvador do Mundo – esse mesmo silêncio que contrasta inacreditavelmente com toda uma imensidão de séculos de trabalho humano em quilómetros e quilómetros de muros e arames, milhares e milhares de socalcos e milhões e milhões de cepas retorcidas, belas, únicas...

É esse expressionismo que as minhas telas transmitem, porque todo o Douro é expressionista em sua essência... Pinto sentimentos, vou ao fundo mais profundo dos penedos e gargantas procurar a sua alma; caminho pelo trilho dos carregadores de cestos em busca do seu âmago... É necessário retratar a alma do Douro e a alma do Douro é sentimental e dinâmica...

E sobem, sobem... desesperadamente, ofegantes, como quem desce o olhar sobre um sonho que não quer ter, nunca quis... Seus olhos brilham como lágrimas que não existem mas, bem no fundo, estão lá à vista de todos aqueles que colocarem óculos de três dimensões...

Pouco a pouco, à medida que sobem a descida – observada do inverso – suas rótulas acenam às pedras pardas com lenços brancos na mão, longe...

E os homens caminham, caminham, descalços – na oblíqua do ponto de vista da montanha – carregando cestos que o não são, mas sim enormes garrafas de pescoços longitudinais, agirafados, extremamente elegantes, que os sufocam, envolvem, nitidamente...

OS CARREGADORES DE GARRAFAS

No sonho d' alguém
Caminhamos, descalços,
Em fila...
Espectros que se precipitam, fundos...

Alcantilados de xisto, pedras, ninguém...
Ninguém pode esperar
Que o fim do término seja ali, fragas...
Silêncio lúgubre e ofegante,
Um respirar.
Dói!...
Rio Douro que escorre
Nas veias das faces, sulcadas, rasgadas,
Embragadas de pó, dó, afã...
Caminhamos no leito de um rio,
Mar de surpresas...
- Se for preciso
Garrafas são copos!
Cadeiras – mesas!...
Acordados,
Sempre acordados!...
Todos vivemos no sonho de alguém.
Douro, tuas ondas são pés
Que pisam uvas...
Sangue, suor, olhares aflitos.
Quantos e quantos sóis!!...
Tanta e tanta vez...
Muitas e muitas chuvas!...
Fragas, xistos,
Quantos e quantos gritos...